

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CURSO DE PEDAGOGIA

ANA CELLI LIZ DO NASCIMENTO MAGALHÃES
VALÉRIA SOBRAL DE MELO

**O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma análise sobre
a prática do(a) educador(a)**

JOÃO PESSOA - PB
2016

ANA CELLI LIZ DO NASCIMENTO MAGALHÃES
VALERIA SOBRAL DE MELO

**O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma análise sobre
a prática do(a) educador(a)**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal da Paraíba, Centro
de Educação, como requisito final para a
obtenção do título de graduação em
licenciatura plena em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Luisa
Nogueira de Amorim.

JOÃO PESSOA – PB
2016

M188b Magalhães, Ana Celli Liz do Nascimento.

O brincar na educação infantil: uma análise sobre a prática do educador / Ana Celli Liz do Nascimento Magalhães, Valeria Sobral de Melo. - João Pessoa, 2016.
45 f.

Orientadora: Ana Luisa Nogueira de Amorim.
Monografia (Graduação) - UFPB/ CE

1. Educação infantil. 2. Brincadeiras - crianças. 3. Brincar.
I. Título. II. Melo, Valeria Sobral de.

UFPB/BC

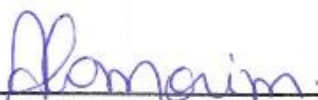
CDU: 373.2(043)

ANA CELLI LIZ DO NASCIMENTO MAGALHÃES
VALERIA SOBRAL DE MELO

**O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma análise sobre a prática do(a)
educador(a)**

Aprovado em 16 / 06 / 2016.

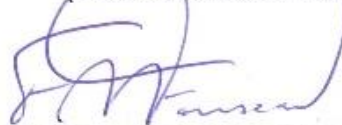
Banca examinadora



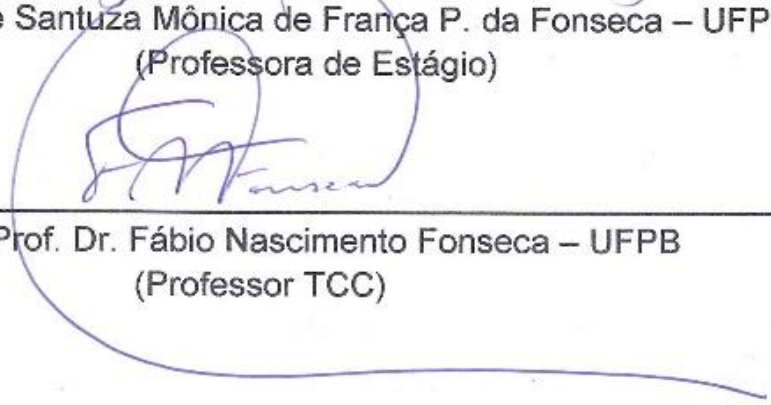
Profa. Dra. Ana Luisa Nogueira de Amorim – UFPB
(Orientadora)



Profa. Mestre Santuza Mônica de França P. da Fonseca – UFPB
(Professora de Estágio)



Prof. Dr. Fábio Nascimento Fonseca – UFPB
(Professor TCC)



Dedicatória

Dedicamos esse trabalho primeiramente a nossa amada família, que sempre nos apoiou e caminhou ao nosso lado.

Também dedicamos aos nossos queridos professores que fizeram parte dessa jornada na universidade.

E, por fim, dedicamos aos colegas de turma que contribuíram de alguma maneira para que os momentos fossem mais divertidos e proveitosos.

AGRADECIMENTOS

Ao nosso amado Deus, pois sem ele não teríamos força para concluir essa longa jornada, a ele nossa gratidão.

A nossa família que muito nos ajudou e esteve sempre ao nosso lado.

A nossa querida orientadora professora Dra. Ana Luisa Nogueira de Amorim que muito nos ajudou e fez com que amássemos mais um pouco a educação infantil.

E aos nossos colegas e professores que fizeram parte dessa jornada com seus ensinamentos que contribuíram para a nossa formação.

Quando uma criança brinca, joga e finge; está criando um outro mundo. Mais rico e mais belo e muito mais repleto de possibilidades e invenções do que o mundo onde, de fato vive.

Marilena Chauí

RESUMO

Brincar é saudável e indicado para o crescimento intelectual e social da criança, que brincando se torna criativa e responsável quando interpreta outros gestos e atitudes durante a brincadeira. Dessa forma, a criança está agindo frente à realidade de maneira não-literal transformando suas ações do cotidiano. Na brincadeira ela cria e recria normas e funções com significado para aquela determinada brincadeira. O brincar também eleva a autoestima da criança contribuindo para interiorizar determinados valores, os quais, têm um significado muito importante na construção da personalidade da criança. É com esse olhar que nossa pesquisa busca analisar e chamar a atenção para a importância de como o brincar na Educação Infantil é indispensável, pois brincando a criança irá desenvolver a sua imaginação, criatividade e seu raciocínio, também a socialização e o emocional quando a brincadeira envolver outras crianças. Nosso intuito é relacionar a ação do brincar com orientação pedagógica e o brincar sem a orientação do educador. Assim, o objetivo principal de nossa pesquisa foi analisar como os educadores estão exercendo suas práticas e qual visão que eles têm sobre essa importância do brincar para as crianças. Nessa perspectiva, a nossa pesquisa desenvolveu-se a partir de uma abordagem qualitativa que compreendeu uma pesquisa empírica com os professores da educação infantil da rede municipal de ensino da cidade de João Pessoa/PB. Para isso, realizamos observações na sala de referência e elaboramos um questionário que foi aplicado ao final das observações. A partir de nossas análises, pudemos perceber que realmente a brincadeira é importante e que as crianças se interessam por ela, mas o espaço físico do Centro de Referência de Educação Infantil (CREI) onde foi realizada a pesquisa é muito pequeno e não atende à demanda que é grande; além de poucos recursos disponíveis para auxiliar nos momentos lúdicos. Dessa forma, as crianças não conseguem se movimentar bem e o que deveria ser prazeroso se transforma em situações de conflitos entre elas, na disputa de espaço e brinquedos. Tais análises parecem indicar que faltam dinâmicas, planejamento e mediação por parte das educadoras no que se refere ao brincar na educação infantil.

Palavras-chaves: Brincar. Brincadeiras. Criança. Educação Infantil. Prática Docente.

Abstract

Playing is healthy and indicated for the child's intellectual and social developing, who playing becomes creative and responsible when interpreting other gestures and attitudes while play. In this way, the child is acting in the face of reality in a non-literal way, transforming his everyday actions. In jest it creates and recreates rulers and functions with meaning for that particular game. Playing also increases the child's self-esteem by helping to internalize certain values, which have a very important meaning in the construction of the child's personality. It is with this observation that our research wishes to analyze and call attention to the importance of how to play in child Education is indispensable, because playing, the child will develop their imagination, creativity and their reasoning, also the socialization and the emotional when the game involve other children. Our intention is to relate the action of playing with pedagogical guidance and play with the guidance of the educator. Thus, the main objective of our research was to analyze how teachers are practicing their practices and what vision they have about this importance of playing for children. From this perspective, our research developed from a qualitative approach that comprised an empirical research with the kindergarten teachers of the municipal teaching network of the city of João Pessoa / PB. So, we made observations in the reference room and elaborated a questionnaire that was applied at the end. From our analysis, we could realize that to play is really important and that the children are interested in it, but the physical space of the *Centro de referência a Educação Infantil (CREI)* where the research was carried out is very small and does not support the demand that is big; As well as the few resources available to assist in the playtime. In this way, children cannot move well and what should be pleasurable turns into situations of conflict among them, in the dispute of space and toys. Such analyzes seem to indicate that there is a lack of dynamics, planning and mediation on the part of educators when it comes to playing in kindergarten.

Keywords: Play. Games. Child. Child education. Teaching Practice.

SÚMARIO

1. BRINCANDO TAMBÉM SE APRENDE?.....	10
2. EDUCAÇÃO INFANTIL: uma história de lutas e desafios	12
3. A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR.....	20
3.1 Brincar no contexto escolar	22
3.2 As brincadeiras.....	25
3.3 Os brinquedos e seus significados	27
4. METODOLOGIA.....	30
5. RESULTADOS E OBSERVAÇÕES	32
5.1 O que as professoras pensam sobre o lúdico e as brincadeiras	33
5.2 As brincadeiras no contexto do CREI.....	36
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
7. REFERÊNCIAS.....	40
8. APÊNDICES	

1. BRINCANDO TAMBÉM SE APRENDE?

A escolha desse tema se deu pela identificação que nós temos com a Educação Infantil e por sabermos da importância do lúdico para os pequenos, pela experiência que temos nessa área.

Uma das integrantes presenciou na prática a aprendizagem das crianças na ação do brincar. A outra integrante, desfruta todos os dias da convivência das crianças da Educação Infantil por administrar um Berçário Escola de médio porte e executar o papel de uma coordenadora. Na rotina diária, visita todas as salas e pode afirmar que brincar é indispensável para a aprendizagem, e percebe que os brinquedos pedagógicos surtem um efeito positivo com novas descobertas, pois brincando as crianças expressam suas curiosidades e atitudes e fazem novas conquistas.

A criança sente necessidade de brincar e é brincando que ela inventa e reinventa o mundo.

Wajskop (1995, p. 68) afirma: “Brincar é a fase mais importante da infância do desenvolvimento humano neste período por ser a auto-ativa representação do interno, a representação de necessidades e impulsos internos”. Com a brincadeira a criança aumenta sua sensibilidade visual e auditiva e desenvolve habilidades motoras e cognitivas.

Com as brincadeiras, as crianças desenvolvem a expressão corporal, gestos e postura, pois a relação que se estabelece entre o corpo, a mente da criança e o seu ambiente tem uma enorme importância para seu desenvolvimento.

Para Kuhlmann Jr. (2000), a educação da criança pequena também deve ser pensada na perspectiva de seu direito a brincar, ao jogo, no sentido de proporcionar um desenvolvimento integral e não simplesmente da inteligência.

O educador deverá estar preparado para mediar o brincar com liberdade e objetivo didático e não apenas como um passatempo.

Nas atividades escolares, podemos observar na prática como é gostoso ensinar com os jogos, blocos, pinos e até com objetos que as próprias crianças podem produzir com material reciclável, que torna ainda mais autêntica essa prática do brincar e aprender. Ao brincar, a criança aumenta sua autoestima e independência, pois o lúdico fornece um desenvolvimento sadio e harmonioso.

Nos últimos anos, pesquisadores têm se voltado para esse assunto, e muitas descobertas estão sendo feitas com ótimos resultados sobre o lúdico e a Educação Infantil, o que só nos faz ter mais a certeza de que é dentro deste contexto que queremos desenvolver nossa pesquisa e adquirir novas descobertas, desse universo tão rico e apaixonante que envolve as crianças na Educação Infantil.

Com isso, o presente trabalho tem como objetivo principal analisar as concepções das professoras da Educação Infantil sobre o brincar e como estão desenvolvendo suas práticas de trabalho nos momentos da brincadeira.

E como objetivos específicos, identificaremos a visão das professoras sobre a importância das brincadeiras para as crianças, compreenderemos os benefícios que o brincar traz para as crianças e identificaremos as metodologias utilizadas pelas professoras na prática do brincar, já que o brinquedo e o ato de brincar é a principal atividade desenvolvida e significativa para a criança.

Nosso trabalho está dividido em 5 capítulos. O primeiro faz uma pequena viagem ao longo do tempo e apresenta um pouco da história da Educação Infantil; o segundo apresenta a visão dos autores sobre o tema do brincar na educação infantil; o terceiro aborda a metodologia utilizada para chegarmos ao nosso objetivo e no último capítulo apresentamos os resultados da pesquisa e as análises de tudo que foi observado.

2. EDUCAÇÃO INFANTIL: uma história de lutas e desafios

Ao longo de muitos séculos, o cuidado e a educação das crianças pequenas foram entendidos como tarefas de responsabilidade familiar, particularmente da mãe e de outras mulheres (OLIVEIRA, 2005, p. 58).

Durante séculos a responsabilidade com a educação da criança era integralmente da família, assim era nessa instituição que as mesmas aprendiam não apenas valores, mas também as tradições, regras e normas da sua cultura. Entretanto, na contemporaneidade, as crianças passaram a deter do direito de freqüentar um ambiente de socialização, pensado e preparado especialmente para ela, podendo conviver e aprender sobre sua cultura.

Segundo Paschoal e Machado (2009), na Europa com a transição do feudalismo para o capitalismo, em que houve a passagem do modo de produção doméstico para o sistema fabril, e, conseqüentemente, a substituição das ferramentas pelas máquinas e a substituição da força humana pela força motriz, provocou toda uma reorganização da sociedade. O enorme impacto causado pela revolução industrial fez com que toda a classe operária se submetesse ao regime da fábrica e das máquinas. Isso fez com que a mulher ingressasse no mercado de trabalho, o que modificou a forma de cuidar e educar seus filhos.

No entanto, é na indústria moderna que nascem as “mães mercenárias”, que se tratavam de mulheres que optavam por não trabalhar nas fábricas, então vendiam seus serviços de cuidar e abrigar os filhos das mães operárias.

Em função da crescente participação dos pais no trabalho das fábricas, fundições e minas de carvão, foram se organizando serviços de atendimento, coordenados por mulheres da comunidade, a crianças pequenas abandonadas por suas famílias (OLIVEIRA, 2005). Essas voluntárias, com atividades relacionadas ao desenvolvimento de bons hábitos de comportamento e de internalização, reforçavam as regras morais.

Gradativamente, surgiram arranjos mais formais para atendimento de crianças fora da família em instituições de caráter filantrópico especialmente delineado para esse objetivo e que organizavam as condições para o desenvolvimento infantil segundo a forma como o destino social da criança atendida era pensado (OLIVEIRA, 2005, p. 60).

Diante disso, Oliveira (2005) afirma que as famílias pobres só se preocupavam em sobreviver, consequentemente o desprezo e maus tratos pelas crianças tornou-se tão aceito que acabou virando regra e fazendo parte dos costumes. Graças a esses maus tratos, a solução que partiu da filantropia foi o acolhimento das crianças encontradas na rua, fato incentivado e aplaudido pela sociedade que queria as ruas limpas do estorvo e da sujeira das crianças abandonadas.

De acordo com Paschoal e Machado (2009), as primeiras instituições na Europa e Estados Unidos tinham como objetivos cuidar e proteger as crianças enquanto as mães saíam para o trabalho. Desta maneira, sua origem e expansão como instituição de cuidados à criança estão associadas à transformação da família, de extensa para nuclear. As creches, escolas maternais e jardins de infância tiveram, somente no seu início, o objetivo assistencial, cujo enfoque era a guarda, higiene, alimentação e os cuidados físicos das crianças.

Apesar da assistência e a custódia serem os precursores, Kuhlmann Jr. (2001) ressalta que essas instituições se preocuparam com questões não só de cuidados, mas da educação, visto se apresentarem como pedagógicas já em seu início e exemplifica sua defesa com a “Escola de Principiantes” ou escola de tricotar, criada pelo pastor Oberlin, na França em meados de 1769, para crianças de dois a seis anos de idade. Oberlin criou um pequeno programa de passeios, trabalhos manuais e histórias contadas através de gravuras, onde o principal objetivo da sua escola de tricô era por meio do trabalho das mulheres da comunidade, além de tomar conta das crianças, ensina – lhes a ler a bíblia e tricotar. As crianças ainda deveriam aprender diferentes habilidades, como hábitos de obediência, bondade, identificar as letras do alfabeto, pronunciar bem as palavras e assimilar noções de moral e religião.

Já a escola de Robert Owen, criada no ano de 1816 em New Lanark, na Escócia, é outro exemplo de que essas instituições tinham uma perspectiva pedagógica, pois sua escola recebia crianças de dezoito meses até vinte e cinco anos de idade e trabalhava lições que abordavam a natureza, exercícios de dança e de canto coral. Seu material didático era educativo, possibilitando às crianças o desenvolvimento do raciocínio e o julgamento correto diante das situações propostas pelo professor.

Ainda teve a sala de asilo francesa, que foi idealizada para prover cuidados e educação moral e intelectual às crianças. Essas instituições se caracterizavam, primeiramente em retirar das ruas as crianças em situação de risco e dos perigos a

que estavam expostas; em seguida, proporcionar-lhes o desenvolvimento dos bons costumes e da Inteligência.

Historicamente, a literatura traz o jardim de infância como uma instituição pedagógica e que quase não teve preocupação com os cuidados físicos das crianças. Porém, o modelo de jardim de infância criada por Froebel em Blankenburg na Alemanha em 1940, tinha a preocupação não apenas de educar e cuidar das crianças, mas também de fazer uma transformação na estrutura familiar, proporcionando aos filhos um melhor cuidado vindo dos pais.

Creches e jardins de infância ao lado de outras instituições educacionais, a partir da segunda metade do século XIX, foram absorvidas como modelos em diferentes países e se destinavam a primeira infância. Chegando ao Brasil, criada com intuito assistencial, a creche servia para auxiliar as mulheres que trabalhavam fora de casa e as viúvas desamparadas, o que as diferenciou das europeias e norte americanas, que se objetivavam pelo caráter pedagógico.

Paschoal e Machado (2009) afirmam que outro elemento que contribuiu para o surgimento dessas instituições foi a iniciativa de acolhimento aos órfãos abandonados que, apesar do apoio da alta sociedade, tinha como finalidade esconder a vergonha da mãe solteira. Ou seja, em uma sociedade patriarcal, procurava-se retirar dos homens a responsabilidade com a paternidade. Considerando que, nessa época a criança era tida pode-se dizer como algo descartável.

Infelizmente, foram fatores como altos índices de mortalidade infantil, desnutrição generalizada e o enorme número de acidentes domésticos, que alertaram a sociedade, desde religiosos, empresários e educadores, para a criação de um espaço de cuidados para as crianças fora do âmbito familiar.

Durante décadas, arranjos foram feitos para atender as crianças das classes menos favorecidas. Dentre esses arranjos está o que ficou conhecido como “Roda dos expostos” ou “Roda dos excluídos”, que tinha esse nome em razão da roda onde bebês abandonados eram colocados, essa roda era fixada nas janelas das instituições ou nos muros das casas de misericórdia. A mãe ou qualquer outra pessoa da família poderia colocar o bebê ali sem precisar se identificar.

As ideias de abandono, pobreza, culpa, favor e caridade impregnam, assim, as formas precárias de atendimento a menores nesse período e por muito tempo vão permear determinadas concepções acerca do que é uma instituição que cuida da educação infantil, acentuando o lado negativo do atendimento fora da família (OLIVEIRA, 2005, p.59).

Com o intuito de combater os altos índices de mortalidade infantil, ainda no final do século XIX, houve iniciativas isoladas para proteger a infância. No entanto, o trabalho das casas de misericórdia não era suficiente, e organizações filantrópicas trataram de abrir um significativo número de creches. Criado à princípio para atender as mães trabalhadoras que não tinham onde deixar seus filhos, o jardim de infância foi defendido por se achar que o mesmo traria vantagens para o desenvolvimento infantil, mas também muito criticado por ser identificado com instituições europeias.

No entanto, foram as tendências jurídico-policial, que tinha como objetivo combater a infância moralmente abandonada, a médico-higienista e a religiosa, ambas combatiam os altos índices de mortalidade infantil tanto na família quanto nas instituições, que acompanharam a implantação das creches e dos jardins de infância no Brasil, no final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Porém, cada instituição “[...] apresentava as suas justificativas para a implantação de creches, asilos e jardins de infância onde seus agentes promoveram a constituição de associações assistenciais privadas” (KUHLMANN JR., 1998, p.88).

Nesse período, foi criado o Instituto de Proteção à Infância do Rio de Janeiro pelo médico Arthur Moncorvo Filho, que tinha como objetivos não só atender às mães grávidas pobres, mas dar assistência aos recém-nascidos, distribuição de leite, consulta de lactantes, vacinação e higiene dos bebês. Foi considerada umas das entidades mais importantes, mormente por ter expandido seus serviços por todo o território brasileiro. Outra instituição importante criada nesse ano foi o Instituto de Proteção e Assistência à Infância, este precedeu, em 1919, a criação do Departamento da Criança, que tinha como objetivo não só fiscalizar as instituições de atendimento à criança, mas combater o trabalho das mães voluntárias que cuidavam, de maneira precária, dos filhos das trabalhadoras (KUHLMANN JR., 1998).

Alguns motivos fizeram com que os movimentos operários ganhassem força, dentre eles a inserção da mão de obra feminina no mercado de trabalho e a chegada dos imigrantes ao Brasil, assim os mesmos começaram a reivindicar por melhores condições de trabalho, o que também envolvia a criação de instituições de educação e cuidados para com seus filhos.

Sobretudo, os conflitos se fizeram presente nas poucas conquistas e, conseqüentemente, o aumento das mulheres no mercado de trabalho fez com que também aumentasse a demanda por instituições de atendimento à infância. Com isso, essas instituições passaram a ser cobradas como um direito da mulher trabalhadora,

baseando-se na teoria da privação cultural, que foi defendida tanto nos Estados Unidos como no Brasil em meados de 1970, onde levava em conta que o atendimento à criança fora do lar lhe possibilitaria a superação das precárias condições a que a criança estava sujeita. Assim, dificuldades como deficiências de saúde e nutrição e deficiências escolares eram superadas com diferentes propostas a fim de compensar tais carências. Nesse contexto, a pré-escola era vista com bons olhos, pois permitiria novas oportunidades de educação.

Com a preocupação de atendimento a todas as crianças, independente da sua classe social, iniciou-se um processo de regulamentação desse trabalho no âmbito da legislação.

No entanto, para esse nível de ensino até meados dos anos setenta pouco foi feito em termos de legislação que garantisse a oferta. Só foi na década de oitenta, que diferentes setores da sociedade, como organizações não – governamentais, pesquisadores na área da infância, comunidade acadêmica, população civil dentre outros, se uniram com o intuito de sensibilizar a sociedade sobre o direito da criança a educação desde seu nascimento. Historicamente pode – se dizer que foi necessário quase um século para que a criança tivesse esse direito garantido, na verdade esse direito só foi efetivamente reconhecido a partir da Carta Constitucional de 1988. O artigo 208, inciso IV afirmava que: “[...] O dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de oferta de creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade” (BRASIL, 1988). A partir dessa Lei, as creches, anteriormente vinculadas à área de assistência social, passaram a ser de responsabilidade da educação. Tomou-se por orientação o princípio de que essas instituições não apenas cuidam das crianças, mas devem, prioritariamente, desenvolver um trabalho educacional.

É inegável a importância da Constituição para a garantia dos direitos da criança, na realidade foi somente com a Constituição que a criança de zero a seis anos foi concebida como sujeito de direitos.

Na quarta última parte dos anos 1900, a educação infantil brasileira vive intensas transformações. É durante o regime militar, que tantos prejuízos trouxe para a sociedade e para a educação brasileiras, que se inicia esta nova fase, que terá seus marcos de consolidação nas definições da Constituição de 1988 e na tardia Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996. A legislação nacional passa a reconhecer que as creches e pré-escolas, para crianças de 0 a 6 anos, são parte do sistema educacional, primeira etapa da educação básica. (KUHLMANN JR, 2000, p.6)

Em 1990, dois anos após a aprovação da Constituição Federal de 1988, foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8.069/90, que veio reafirmar que a criança e o adolescente devem ter assegurados seus direitos fundamentais inerentes à pessoa humana para que seja possível, desse modo, ter acesso às oportunidades de “[...] desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade” (BRASIL, 1994a).

Nos anos que se seguiram a aprovação do Estatuto da Criança e do adolescente, o Ministério da Educação publicou diversos documentos importantes intitulados: “Política Nacional de Educação Infantil”, que objetivava-se em expandir a oferta de vagas e promover a melhoria da qualidade de atendimento nesse nível de ensino, estabelecendo as diretrizes pedagógicas e de recursos humanos: “Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças”, que discute a organização e o funcionamento interno dessas instituições; “Por uma política de formação do profissional de educação infantil”, que reafirma a necessidade e a importância de um profissional qualificado e um nível mínimo de escolaridade para atuar nas instituições de educação infantil; “Educação infantil: bibliografia anotada” e “Propostas pedagógicas e currículo em educação infantil”. A importância desses documentos se dá pelo fato de garantirem melhores possibilidades de organização dos professores no interior dessas instituições.

Constituição Federal, Estatuto da Criança e do Adolescente, ainda merece destaque a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, onde a educação infantil passou a fazer parte do sistema nacional de ensino, ficando referenciado como a primeira etapa da educação básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança de 0 a 6 anos de idade, definindo no título V, capítulo II, seção II, Art. 30 que a educação infantil será oferecida em: “I – creches, ou entidades equivalentes, para crianças de 4 a 6 anos de idade”. (LDB, 1996). Ainda de acordo com o Ministério da Educação, o tratamento dos vários aspectos como dimensões do desenvolvimento e não áreas separadas foi fundamental, já que “[...] evidencia a necessidade de se considerar a criança como um todo, para promover seu desenvolvimento integral e sua inserção na esfera pública” (BRASIL, 2006, p. 10).

A lei propõe a reorganização da educação, flexibilizando o funcionamento de creche e pré-escola, permitindo a adoção de diferentes formas de organização e prática pedagógica.

Desse modo Paschoal e Machado (2009) afirma que, verifica-se um grande avanço no que diz respeito aos direitos da criança pequena, uma vez que a educação infantil, além de ser considerada a primeira etapa da Educação Básica, embora não obrigatória, é um direito da criança e tem o objetivo de proporcionar condições adequadas para o desenvolvimento do bem-estar infantil, como o desenvolvimento físico, motor, emocional, social, intelectual e a ampliação de suas experiências.

Em 1998, foi criado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), para servir de guia de reflexão de cunho educacional sobre os objetivos, conteúdos e orientações didáticas para os profissionais que atuam com crianças de zero a seis anos de idade. Sobre os objetivos gerais da educação infantil, esse documento ressalta que a prática desenvolvida nessas instituições deve se organizar de modo que as crianças desenvolvam várias capacidades.

Apesar de ser um documento que sofreu várias críticas a respeito da sua construção, pois a proposta para a educação infantil deve ser construída pelos seus sujeitos. O RCNEI, em sua introdução deixa bem claro seu objetivo:

Este documento constitui – se em um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam mover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras (1998, p.13)

Além disso, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, sugere que não apenas por meio de brincadeiras, as atividades devem ser oferecidas as crianças advindas de situações pedagógicas orientadas. Nesse sentido, a integração entre ambos os aspectos é relevante no desenvolvimento do trabalho do professor, uma vez que:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros, em uma atitude de aceitação, respeito e confiança, e o acesso pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (BRASIL, 1998a, p. 23).

Com relação ao cuidar, deve – se ressaltar que seja entendido como parte integrante da educação, ou seja: “[...] cuidar de uma criança em um contexto educativo

demanda a integração de vários campos de conhecimentos e a cooperação de profissionais de diferentes áreas” (BRASIL, 1998a, p. 24).

Paschoal e Machado (2009) diz que foi ainda nos anos de 1998 e 1999, o Conselho Nacional de Educação, aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), que teve como objetivo direcionar, de modo obrigatório, os encaminhamentos de ordem pedagógica para esse nível de ensino aos sistemas municipais e estaduais de educação e as Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que também contribuiu para a melhoria de ambos os níveis de ensino ao discutir a relevância de uma formação altamente qualificada para esses profissionais.

No âmbito da legislação, foi aprovada, no ano de 2001, a Lei nº10.172/2001 – Plano Nacional de Educação, que teve como objetivo principal estabelecer as metas para todos os níveis de ensino, cuja vigência se estenderá até o ano de 2010. Originalmente esse documento estabeleceu para a educação infantil, vinte e seis metas para serem alcançadas no decorrer de dez anos de vigência. Sua edição mais recente é do ano de 2014.

Em se tratando dos profissionais que trabalham com essa faixa etária, ressalta-se que, em função das novas exigências previstas na Lei, se faz necessário uma formação inicial sólida e constante atualização em serviço. Pois, no seu curso de formação, pouco é o contato com a realidade das escolas, o seu contato maior é com os livros, fazendo com que os mesmos não consigam compreender que a criança aprende de maneira integrada.

Ao longo, desta pesquisa percebemos que foram muitos os avanços previstos na legislação, porém muitos também são os retrocessos que acompanham a trajetória histórica das instituições, no entanto do ponto de vista prático, o trabalho realizado no interior de muitas delas se restringe mais os cuidados físicos relacionados à higienização e à alimentação do que propriamente um trabalho voltado aos aspectos educativos.

Lembrando que, como diz o próprio nome a educação infantil tem como centro do seu trabalho as crianças, e o brincar faz parte da natureza humana e que é um direito da criança, como consta no Art. 16 do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA que define o brincar como um dos direitos de liberdade da criança.

3. A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR

O brincar é uma ação onde a criança cria seu mundo e se redescobre vivenciando sua infância, brincar também proporciona um crescimento saudável a criança.

De acordo com o contexto histórico e social em que a criança está inserida é que observamos como a ação do brincar está presente.

A criança que tem a oportunidade de brincar na fase infantil será um adulto equilibrado emocionalmente e fisicamente, pois nas brincadeiras ela usa sua criatividade se torna responsável e até trabalhador, pois nas brincadeiras elas assumem papéis relacionados com seus cotidianos.

O brincar também ajuda a criança a elevar sua auto-estima, pois ela interioriza alguns valores, que ajudarão na personalidade, quando interage com outras crianças, desenvolve seu raciocínio, sua criatividade e sua imaginação.

Segundo Wajskop (2007), a brincadeira, desde a antiguidade, era utilizada como um instrumento para o ensino, contudo, somente depois que se rompeu o pensamento românico passou-se a valorizar a importância do brincar, pois antes, a sociedade via a brincadeira como uma negação ao trabalho e como sinônimo de irreverência e até desinteresse pelo que é sério. Mas mesmo com o passar do tempo o termo brincar ainda não está tão definido, pois ele varia de acordo com cada contexto, os termos brincar, jogar e atividade lúdica serão usados como sinônimos.

Por ser uma linguagem natural da criança a brincadeira deve estar presente no cotidiano da escola de Educação Infantil com objetivo de deixar a criança se expressar livremente através dos jogos, artes, músicas, expressão corporal, atividades que estimulem a espontaneidade da criança. Segundo os RCNEI (1998, p. 27),

Para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar é imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências” e essa experiência pode ser oferecida tanto pelos pais quanto pelas instituições de ensino, podendo ocorrer por meio de brincadeiras ou aprendizagens feitas por intervenção direta.

Brincando a criança tem o domínio da linguagem simbólica, ou seja da imaginação, no ato de brincar as crianças fazem sinais e gestos, e ao brincar elas recriam os objetos e repensam os acontecimentos que os rodeiam.

Com a urbanização acelerada desde o século passado, observou-se que casas foram substituídas por condomínios verticais com menos espaços físicos internos e externos destinados ao lazer das crianças, com essas transformações nos hábitos sociais, a ação do brincar passou por várias mudanças, os espaços físicos que existiam antes, praças, ginásios entre outros, estão cada vez mais reduzidos e não oferecem segurança para que a criança brinque livremente, a rotina da vida da família não deixa muito espaço para uma interação pais e filhos em um momento lúdico e por fim as tecnologias modernas distanciam cada dia mais a criança das brincadeiras com o brinquedo em si.

É de grande importância essa valorização dos espaços destinados ao lazer das crianças para que elas possam brincar, e ter oportunidade de criar, brincando ela reinventa cenas do cotidiano que chamaram atenção e constroem uma nova história.

As crianças que brincam de modo imaginativo tendem a ser mais alegres e populares do que as que não tem oportunidade de brincar de faz-de-conta. O movimento, a criatividade e a forma de se expressar livremente, proporciona uma qualidade maior a brincadeira e assim maior será o desenvolvimento cognitivo dessa criança, tentar limitar esses movimentos impedem a criança de se desenvolver nesse sentido, alguns adultos confundem aquela criança que precisa de espaço para se movimentar com hiperativa ou arteira, e tem como modelo adequado e mais civilizada aquela que permanece sentada por mais tempo sem se movimentar. Segundo o RCNEI (1998, p.19),

Nesse sentido, é importante que o trabalho incorpore a expressividade e a mobilidade próprias às crianças. Assim, um grupo disciplinado não é aquele em que todos se mantêm quietos e calados, mas sim um grupo em que os vários elementos se encontram envolvidos e mobilizados pelas atividades propostas. Os deslocamentos, as conversas e as brincadeiras resultantes desse envolvimento não podem ser entendidos como dispersão ou desordem, e sim como uma manifestação natural das crianças. Compreender o caráter lúdico e expressivo das manifestações da motricidade infantil poderá ajudar o professor a organizar melhor a sua prática, levando em conta as necessidades das crianças.

Evidencia-se a necessidade de planejar brincadeiras que envolvam as crianças e as motivem a se expressarem com naturalidade satisfazendo a curiosidade própria do seu tempo.

3.1 BRINCAR NO CONTEXTO ESCOLAR

Na escola que é onde a criança fica boa parte do tempo e que poderia ter esse momento bem aproveitado, o que percebe-se é espaço físico reduzido, os brinquedos muitas vezes não estão adequados para a faixa etária, e alguns brinquedos estão incompletos ou quebrados, as professoras usam a ação de brincar para preencher espaços de seu cronograma e não como uma ação importante.

É necessário para que a criança exercite sua capacidade de criar e que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes são oferecidas, sejam em casa ou na escola, voltadas a brincadeira ou a aprendizagem. Segundo o RCNEI (1998, p. 27-28),

Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca. Por exemplo, para assumir um determinado papel numa brincadeira, a criança deve conhecer alguma de suas características. Seus conhecimentos provêm da imitação de alguém ou de algo conhecido, de uma experiência vivida na família ou em outros ambientes, do relato de um colega ou de um adulto, de cenas assistidas na televisão, no cinema ou narradas em livros etc. A fonte de seus conhecimentos é múltipla, mas estes encontram-se, ainda, fragmentados. É no ato de brincar que a criança estabelece os diferentes vínculos entre as características do papel assumido, suas competências e as relações que possuem com outros papéis, tomando consciência disto e generalizando para outras situações.

Estudos realizados pela Psicologia defendem o papel do brincar no desenvolvimento da criança, assim o cuidar, educar e o brincar estão ligados na Educação Infantil, pois ao brincar a criança também está aprendendo, seja movimentar o corpo, fazer amigos, viver em sociedade, imaginar, criar supostas situações, enfim, se desenvolver.

Vygotsky (1984) defende que o ato de brincar permite a criança ampliar sua imaginação, a partir do momento que começa a agir na brincadeira, fazendo com que ela interaja com o meio social no qual vive.

O desenvolvimento da criança e seu consequente aprendizado ocorrem quando participa ativamente, seja discutindo as regras do jogo, seja propondo soluções para resolvê-los. É de extrema importância que o professor também participe e que proponha desafios em busca de uma solução e de participação coletiva, o papel do educador neste caso será de incentivador da atividade. A intervenção do professor é necessária e conveniente no processo de ensino-aprendizagem, além da interação

social, ser indispensável para o desenvolvimento do conhecimento. De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 23, v.01),

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidado, brincadeiras e aprendizagem orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

O professor é peça fundamental no processo ensino aprendizagem, sabemos que educar não é apenas repassar informações e sim colaborar para a autonomia da criança, proporcionar ferramentas que ajudem na escolha dos caminhos que forem compatíveis com os seus valores, sua visão de mundo e com as circunstâncias adversas que cada um irá encontrar. Nessa perspectiva, segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 30, v.01):

O professor é mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagens que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios e aos conteúdos referentes aos diferentes campos de conhecimento humano. Na instituição de educação infantil o professor constitui-se, portanto, no parceiro mais experiente, por excelência, cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e sociais variadas.

E qual a importância do brincar para as crianças?

Precisamos entender que atualmente a criança é considerada uma cidadã com direito ao brincar e ao brinquedo, ou seja, após estudos, pesquisas e reflexões o brincar passou a ser defendido como uma atividade que permite à criança compreender o mundo a partir do movimento em que começa a reproduzi-lo em situações lúdicas. Kishimoto (2002) defende que o brincar é uma atividade livre, mas para que essa liberdade seja desenvolvida é essencial que tenhamos a clareza que é fundamental oferecer possibilidades de ação, e essa prática não ocorre com permissão do adulto, mas pelas oportunidades que forem oferecidas.

Segundo Wajskop (2012 p.31),

[...] A criança desenvolve-se pela experiência social, nas interações que estabelece, desde cedo, com a experiência sócio-histórica dos adultos e do mundo por eles criado. Dessa forma, a brincadeira é uma atividade humana na qual as crianças são introduzidas constituindo-se

em um modo de assimilar e recriar a experiência sociocultural dos adultos

Quando a criança brinca, ela tem a capacidade de construir representações cognitivas, desenvolver ações motoras e a partir das interações trabalham a socialização, porque as brincadeiras realizam duas funções importantíssimas: a lúdica que propicia diversão e prazer; e a educativa que permite a construção de conhecimentos, mas para isso acontecer é necessário que o adulto propicie espaço e tempo para trabalhar a construção do real pelo exercício da fantasia, ou seja, criar novas relações entre situações no pensamento e situações reais.

Assim, só é possível saber os benefícios que o brincar na Educação Infantil traz, estando diariamente participando do processo, ou seja, é um processo muitas vezes lento, pelo fato das crianças ainda não conseguirem compreender certos conceitos até alcançarem determinada idade. Portanto, para aqueles que conseguem ver em um amassar de massinhas, em um colar de grãos, em um correr e em um pular uma forma de desenvolver-se melhor e propiciar aprendizagem enquanto brinca, saberá que brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, e que brincando também se favorece a aprendizagem. Por isso, brincar é uma das formas mais potentes que se tem de estudar e de se adquirir conhecimento.

Podemos assim dizer que as aprendizagens que ocorrem durante o desenvolvimento da criança são construídas em situações de interações, sendo de essencial importância a mediação e interação com um adulto, neste caso específico o professor.

Assim, cabe ao professor propiciar situações de conversa, brincadeiras ou de aprendizagens orientadas que garantam a troca entre as crianças, de forma a que possam comunicar-se e expressar-se, demonstrando seus modos de agir, de pensar e de sentir, em um ambiente acolhedor e que propicie a confiança e a auto-estima. (RCNEI, 1998, v.1, p. 31)

A mediação dos professores é muito importante, só que o que percebe-se é que muitos ainda não tomaram consciência disso, é confundem a hora de brincar com descanso, deixando as crianças soltas sem nenhum objetivo didático, causando o desinteresse das crianças na realização das atividades lúdicas.

Assim ao tomar conhecimento da importância do brincar para o desenvolvimento integral da criança, cabe ao professor começar a realizar adaptações

quanto à organização da sala de aula, a sua prática de ensino, métodos de mediação das brincadeiras, além de outras ações necessárias para proporcionar descobertas, aprendizagens e a partir disso possibilitar às crianças desenvolverem e ampliarem novas capacidades.

O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados. (RCNEI, 1998, p.24).

Sendo assim os professores da Educação Infantil precisam entender o cuidar da criança num ambiente escolar, e esse cuidar não é privar os educandos de viverem suas próprias experiências, mais permitir a oportunidade de experimentarem novas experiências.

3.2 AS BRINCADEIRAS

Com a criança ainda no ventre da mãe surge suas primeiras brincadeiras, são os reflexos dos estímulos das sensações prazerosas no momento que o feto brinca com o próprio corpo, esta é uma atividade lúdica dos seus primeiros momentos de vida.

A partir do segundo ano a criança brinca de reinventar o mundo a sua volta, imitando os sons e conversando com amigos imaginários, ela vive no mundo da fantasia.

Aos 4 anos as brincadeiras começam a se aproximar da realidade, quando da banho em bonecas, imitando a mamãe ou joga bola imitando o papai.

Vygotsky (1998), um dos representantes mais importantes da psicologia histórico-cultural, partiu do princípio que o sujeito se constitui nas relações com os outros, por meio de atividades caracteristicamente humanas, que são mediadas por ferramentas técnicas e semióticas. Nesta perspectiva, a brincadeira infantil assume uma posição privilegiada para a análise do processo de constituição do sujeito, rompendo com a visão tradicional de que ela é uma atividade natural de satisfação de instintos infantis. Ainda, o autor refere-se à brincadeira como uma maneira de expressão e apropriação do mundo das relações, das atividades e dos papéis dos adultos. A capacidade para imaginar, fazer planos, apropriar-se de novos

conhecimentos surge, nas crianças, através do brincar. A criança por intermédio da brincadeira, das atividades lúdicas, atua, mesmo que simbolicamente, nas diferentes situações vividas pelo ser humano, reelaborando sentimentos, conhecimentos, significados e atitudes.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 27, v.01):

O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam. Ao adotar outros papéis na brincadeira, as crianças agem frente à realidade de maneira não-literal, transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos substitutos.

A brincadeira é importante e torna-se fundamental para o desenvolvimento da criança, brincando ela transforma e produz novos significados. Quando estimulada observa-se que ela rompe com a relação de subordinação ao objeto, surgindo um novo significado, o que demonstra seu caráter ativo, no curso de seu próprio desenvolvimento.

Segundo Wajskop (2012, p.40),

A brincadeira, como atividade dominante da infância tendo em vista as condições concretas da vida da criança e o lugar que ela ocupa na sociedade é, primordialmente, a forma pela qual esta começa a aprender. Secundariamente, é onde tem início a formação de seus processos de imaginação ativa e, por último, onde ela se apropria das funções sociais e das normas de comportamento que correspondem a certas pessoas.

As brincadeiras deixam as crianças alegres, pois giram em volta da espontaneidade e da imaginação, sendo criadas e recriadas a todo o momento.

As brincadeiras populares que as crianças inventavam para brincar e interagir com outras crianças eram bem dinâmicas pois tinham que ter mais de um participante.

Algumas brincadeiras populares como: cabra cega, pula corda, bater a bola, pega -pega, esconde- esconde, amarelinha, dança das cadeiras, dança da laranja e outras que eles inventam, ainda faz parte do cotidiano das crianças e o mais importante é que quando brincam destas brincadeiras tradicionais elas desenvolvem ritmo e sequência, pois estão associadas a músicas, que as crianças acompanham cantando e batendo palmas, esperando a sua vez.

3.3 OS BRINQUEDOS E SEUS SIGNIFICADOS

São objetos mágicos que perpassam de geração a geração, e encantam as crianças e os adultos. O brinquedo é tudo que a criança precisa para viajar para seu mundo encantado o reino da fantasia, o reino mágico da brincadeira.

De acordo com Wajskop (2012, p.25), os brinquedos existem desde a antiguidade:

Desde os primórdios da educação greco-romana, com base nas ideias de Platão e Aristóteles, utilizava-se o brinquedo na educação. Associando a ideia de estudo ao prazer, Platão sugeria ser, o primeiro, ele mesmo, uma forma de brincar.

Na antiguidade as crianças já criavam chocalhos de argila, cavalinhos de madeira e carrinhos de lata.

Os primeiros brinquedos foram construídos no ambiente familiar, as oficinas especializadas surgiram somente no século XVIII, com produção artesanal e aos poucos foi se tornando industrial e com o passar do tempo os brinquedos foram se modernizando e tornando-se cada vez mais sofisticados, com luzes, sonorizados e até micros processadores. A industrialização trouxe um lado negativo, quando a criança deixou de lado o prazer em construir seu próprio brinquedo.

Para Kishimoto (1994, p.52) o brinquedo é compreendido como um “objeto suporte da brincadeira”, ou seja, brinquedo aqui estará representado por objetos como piões, bonecas, carrinhos etc. Os brinquedos podem ser considerados: estruturados e não estruturados. São denominados de brinquedos estruturados aqueles que já são adquiridos prontos. Os brinquedos denominados não estruturados são aqueles que não sendo industrializados, são simples objetos como paus ou pedras, que nas mãos das crianças adquirem novo significado, passando assim a ser um brinquedo.

Esses dois tipos de brinquedo estruturados e os não-estruturados, devem estar ao alcance da criança pelo fato deles desenvolverem diferentes habilidades.

Assim, na sala de aula o professor deve planejar atividades onde as crianças utilizem os dois tipos de brinquedos estruturados e não estruturados, dando oportunidade a elas de construírem seus próprios brinquedos, ajudando a desenvolver a criatividade e instigando eles a pensarem em novos jogos e novas regras.

Para que o brinquedo seja atrativo é preciso que ele tenha referência com seu cotidiano ou seja, o brinquedo deve trazer a sua lembrança momentos vivenciados no seu dia a dia.

Observando a relação que as crianças estabelecem com seus brinquedos, é possível avaliar o nível de desenvolvimento motor e cognitivo, através das atividades lúdicas as crianças irão manifestar suas potencialidades.

Com esse olhar é possível motivar sua aprendizagem e fornecer estímulos necessários para seu desenvolvimento. Vygotsky (1998, p. 137) ainda afirma

A essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual, ou seja, entre situações no pensamento e situações reais. Essas relações irão permear toda a atividade lúdica da criança, serão também importantes indicadores do desenvolvimento da mesma, influenciando sua forma de encarar o mundo e suas ações futuras.

A qualidade de oportunidades que estão sendo oferecidas à criança através de brincadeiras e brinquedos garante que suas potencialidades e sua afetividade se harmonizem. A ludicidade, tão importante para a saúde mental do ser humano, é um aspecto que merece atenção dos pais e educadores, pois é o momento para expressão mais genuína do ser, direito de toda criança para o exercício da relação afetiva com o mundo, com as pessoas e com os objetos. Um bichinho de pelúcia pode ser um bom companheiro. Uma bola é um convite ao exercício motor, um quebra-cabeça desafia a inteligência e um colar faz a menina sentir-se bonita e importante como a mamãe. Enfim, todos são como amigos, servindo de intermediários para que a criança consiga integrar-se melhor.

4. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado através de uma pesquisa empírica de caráter qualitativo, pois analisamos as concepções das professoras da Educação Infantil e suas práticas didáticas na ação do brincar.

A pesquisa qualitativa, de acordo com Minayo (2010), busca questões muito específicas e pormenorizadas, preocupando-se com um nível da realidade que não pode ser mensurado e nem é quantitativo. Atua com base em significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, e outras características subjetivas próprias do humano e do social que correspondem às relações, processos ou fenômenos e não podem ser reduzidas a variáveis numéricas.

A pesquisa foi empírica, uma vez que fomos a campo para a realização de questionários e observar a prática das professoras de um Centro de Referência de Educação Infantil (CREI) do município de João Pessoa/PB.

O CREI foi criado no ano de 1981, e possui 4 turmas totalizando 105 crianças atendidas. Seu espaço físico é composto por: 4 salas de aula, 1 sala de vídeo, 1 brinquedoteca, 1 pátio, 2 banheiros de funcionários e 3 banheiros das crianças. A equipe pedagógica é composta por 1 (uma) gestora e 1 (uma) supervisora escolar. Possui 4 (quatro) professoras de educação infantil e 4 (quatro) monitoras.

Nossa pesquisa foi realizada entre os meses de abril e maio de 2016, onde realizamos o preenchimento do questionário com as professoras e as observações nas turmas. Estas etapas fazem parte da pesquisa qualitativa, uma vez que Minayo (2007, p.26) afirma que “essa fase combina instrumentos de observação, entrevistas, ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisadores, levantamento de material documental e outros”.

Por meio de questionários dirigidos as 4 professoras do CREI, foi possível obter informações, ainda que superficialmente, de como elas percebem o brincar e sua importância. Esse instrumento auxiliou na compreensão de suas concepções a respeito do brincar.

Foi utilizado códigos, P1, P2, P3 e P4, para guardar as identidades das professoras

Ao final fizemos a análise do material empírico coletado para ver de fato se essas brincadeiras estão sendo livre e com objetivo, ou livre e sem objetivo,

articulando e analisando a partir do referencial teórico que foi utilizado como fundamentação para nosso trabalho.

5 . RESULTADOS E OBSERVAÇÕES

Esta pesquisa utilizou questionário para análise dos dados e para conclusão de sua tese inicial, o brincar na educação infantil: uma análise sobre a prática do educador.

Foi entregue um questionário a cada uma das quatro professoras que ministra aula na educação infantil de um CREI do município de João Pessoa/PB.

Em relação à formação das respondentes, verificou-se que as quatro possuem curso superior em pedagogia e com relação ao tempo de atuação no magistério, pode-se identificar que varia o tempo das quatro sendo entre 15 anos a 4 anos.

5.1 O QUE AS PROFESSORAS PENSAM SOBRE O LÚDICO E AS BRINCADEIRAS

Neste capítulo serão relatadas as informações adquiridas através da aplicação dos questionários e da realização de entrevistas com as professoras do referido CREI. No decorrer da pesquisa foram coletados dados significativos sobre o entendimento das mesmas sobre a ludicidade, a importância do brincar, como é feita a mediação durante as brincadeiras.

Perguntadas sobre o que são recursos lúdicos e como os utilizam, as professoras responderam:

P1: São brinquedos ou brincadeiras que não visam a competição como objetivo principal, mas a realização de uma tarefa de forma prazerosa.

P2: Através de brincadeiras e jogos infantis voltado para idade de cada um.

P3: São brinquedos educativos, brincadeiras, historias etc... são utilizados quase que diariamente.

P4: São músicas, brinquedos e jogos. Eles são utilizados no dia a dia de acordo com o planejamento.

Analisando as respostas das professoras, observamos que com relação aos recursos lúdicos elas não possuem muito conhecimento, pois só identificam mais como brinquedo ou brincadeira, o que de fato não é verdade, pois o lúdico

é tudo que proporcione prazer, diversão, criando, assim, um ambiente descontraído de aprendizagem.

Na visão de Kishimoto (1999, p.33):

Enquanto manifestação livre e espontânea da cultura popular, a brincadeira tradicional tem a função de perpetuar a cultura infantil, desenvolver forma de convivência social e permitir o prazer de brincar. Por pertencer à categoria de experiências transmitidas espontaneamente conforme motivações internas da criança, a brincadeira tradicional infantil garante a presença do lúdico, na situação imaginária.

Questionadas sobre a rotina na sua turma, e como ela é planejada, responderam:

P1: Sim, é planejada durante a semana, através da roda de conversa com as crianças, que acontece no decorrer de cada dia.

P2: Sim, através de um planejamento semanal.

P3: Sim é planejada quinzenalmente.

P4: Sim. Semanalmente e de acordo com os horários.

Diante das respostas das professoras e do que foi observado, nota-se que a rotina se faz presente no CREI, sendo sempre planejada.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1988, p. 23):

Na instituição de educação infantil, pode-se oferecer as crianças condição para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar, porém, que essas aprendizagens, de natureza diversa, ocorrem de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil.

Questionadas sobre espaço para ludicidade na rotina da turma, responderam:

P1: Sim.

P2: Não.

P3: Sim, acontece todos os dias para reforçar a aprendizagem do conteúdo.

P4: Muito pouco, pela questão do espaço e da falta de estrutura.

Diante das respostas das professoras, na nossa visão tiveram dois tipos de interpretação uma com relação ao espaço físico e a outra com relação ao

momento, assim, percebemos que apenas uma das professoras entendeu o sentido da questão, demonstrando um pouco de conhecimento sobre a importância da ludicidade no dia a dia da criança.

De acordo com (Kishimoto, 2002, p.146),

por ser uma ação iniciada e mantida pela criança, a brincadeira possibilita a busca de meios, pela exploração ainda que desordenada, e exerce papel fundamental na construção de saber fazer. As brincadeiras são formas mais originais que a criança tem de se relacionar e de se apropriar do mundo. É brincando que ela se relaciona com as pessoas e objetos ao seu redor, aprendendo o tempo todo com as experiências que pode ter. São essas vivências, na interação com as pessoas de seu grupo social, que possibilitam a apropriação da realidade, da vida e toda sua plenitude.

Perguntamos como elas analisam os recursos lúdicos disponibilizados no CREI, e o que poderia melhorar, e elas responderam:

P1: É bom, poderia ter mais livros didáticos.

P2: Sou uma professora novata e no momento estou tentando me adaptar.

P3: Bom, mais deveria ter mais recursos lúdicos disponíveis.

P4: Os recursos são poucos, porém a gente procura melhorar de acordo com o nosso planejamento e nas nossas estratégias. Ampliando o espaço físico e chegando mais recursos.

De acordo com o que pudemos observar, percebemos que realmente os recursos no CREI eram um pouco escassos e sucateados, impossibilitando muitas vezes com que as professoras realizem um trabalho de melhor qualidade com as crianças.

O brincar apresenta-se por meio de várias categorias de experiências que são diferenciadas pelo uso do material ou dos recursos predominantemente implicados. Essas categorias incluem: movimento e as mudanças da percepção resultantes essencialmente da mobilidade física das crianças; a relação com os objetos e suas propriedades físicas assim como a combinação e associação entre eles; a linguagem oral e gestual que oferecem vários níveis de organização a serem utilizados para brincar; os conteúdos sociais, como papéis, situações valores e atitudes que se referem à forma como universo social se constrói; e, finalmente, os limites definidos pelas regras, constituindo-se em um recurso fundamental para brincar. Estas categorias de experiências podem ser agrupadas em três modalidades básicas, quais sejam, brincar de faz-de-conta ou com papéis, considerada como atividade fundamental da qual se originam todas as outras, brincar com materiais de construções e brincar com regras (RCNEI, 1998, v. 1, p.28).

Questionadas sobre qual a importância do brincar na educação infantil, responderam:

- P1: Através do brincar a criança aprende e se educa.
 P2: Importante pois é através da brincadeira voltada para criança que a mesma tem um desenvolvimento amplo.
 P3: De muita importância, pois é através da brincadeira que as crianças aprendem naturalmente.
 P4: É de grande importância, porque através do brincar a criança desenvolve a motricidade constroem sua identidade através da vivência.

Analisando essa questão, houve uma unanimidade nas respostas, todas afirmaram ser de grande importância o brincar, pois é através dele que a criança se desenvolve. Em concordância com Vygotsky (1998) que acentua o papel do brincar ao ato de brincar na constituição do pensamento infantil, pois é brincando, jogando, que a criança revela seu estado cognitivo, visual, auditivo, tátil, motor, seu modo de aprender e entrar em uma relação cognitiva com o mundo de eventos, pessoas, coisas e símbolos.

Quando perguntamos a elas se acreditam que na brincadeira a criança se desenvolve e, se sim, em quais momentos isso acontece, responderam:

- P1: Sim, porque é nos momentos de brincadeira que ele vai desenvolver o seu conhecimento.
 P2: Sim, através da brincadeira de pega- pega que podem trabalhar o tato.
 P3: Sim, e que acontece quando ela interage com o grupo participando com interesse ele desenvolve fisicamente e cognitivamente.
 P4: Sim. A partir das brincadeiras planejadas e dirigidas, pois dá o brinquedo sem nenhum objetivo a criança não irá aprender.

Nessa questão todas as professoras, mostraram ter conhecimento sobre o desenvolvimento da criança durante a brincadeira, porém não souberam responder adequadamente em que momentos isso acontece.

Perguntamos como é feita a mediação na hora em que as crianças estão brincando, e elas responderam:

- P1: Aproveito os momentos do lúdico para explorar a aprendizagem.
 P2: As mesmas brincam livres e que outras crianças interagem junto com a professora ou vice e versa.
 P3: Interagindo com eles e interferindo nos momentos das brincadeiras.

P4: “De acordo com o planejamento onde as crianças participam de rodas de conversas de brincadeiras deixando a criança transmitir espontaneamente seu conhecimento.

Observamos que as 4 professoras não sabem a importância da mediação e que as mesmas não o fazem. Contrariando o que diz Kishimoto (2002, p.148) a brincadeira livre contribui para libertar a criança de qualquer pressão. Entretanto é a orientação, a mediação com adultos, que dará forma aos conteúdos intuitivos, transformando – os em ideais lógico-científicos, características dos processos educativos.

Quando perguntamos qual a contribuição que o brincar traz pedagogicamente para as crianças, as professoras responderam:

P1: Através das dinâmicas e brincadeiras que a criança desenvolve melhor a parte pedagógica.

P2: A contribuição é rica pois através do brincar podemos desenvolver atividades que podem enriquecer o desenvolvimento da psicomotricidade de cada uma.

P3: Contribui na socialização, no crescimento físico e intelectual da criança.

P4: A criança através do brincar vivencia experiências que leva ela desenvolver seu raciocínio, sua personalidade e seus movimentos.

Analisando as respostas das professoras vemos que as mesmas referem – se ao brincar mais voltado para os movimentos do que pelo pedagógico.

5.2 AS BRINCADEIRAS NO CONTEXTO DO CREI

Observei na turma do maternal 1, que houve um momento de brincadeira livre, que se deu na hora da troca de roupa, assim enquanto esperavam a sua vez as crianças começaram a correr, rolar no chão e quando começaram a pegar os brinquedos foram barradas pela monitora (DIÁRIO DE CAMPO, 29/04/2016 pesquisadora 1).

Em outro momento, observei a brincadeira das crianças no pátio, as mesmas apenas corriam, se agarravam, caíam, e tinha apenas um brinquedo que era uma casinha de plástico para todas utilizarem o que proporcionava algumas vezes brigas (DIÁRIO DE CAMPO, 13/05/2016 pesquisadora 1).

Na turma do maternal 2, observei o momento da brincadeira no pátio, que aconteceu do mesmo modo que na turma do maternal 1, as crianças corriam,

brigavam, caíam e nada era feito para melhorar esse momento (DIÁRIO DE CAMPO, 19/05/2016, Pesquisadora1).

Eu pesquisadora 1, observei da P4 e da P3, que faltou um pouco de intervenção por parte delas, já que isso só acontecia para advertir as crianças, contrariando o que diz o RCNEI:

É o adulto, na figura do professor, portanto, que na instituição infantil, ajuda e estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças. Consequentemente é ele que organiza sua base estrutural, por meio de ofertas de determinado objetos, fantasias, brinquedos ou jogos, da delimitação e arranjo dos espaços e do tempo para brincar (RCNEI, 1998).

Foi observado que na sala da P1, que ela utilizou a brincadeira para descontrair a turma e aproveitou o momento para explorar o conteúdo que foi abordado no dia, era sobre os cinco sentidos e ela fez a cobra cega para ao tocar, degustar e sentir cheiro com os olhos fechados as crianças mostrassem que realmente aprenderam (DIÁRIO DE CAMPO, 29/04/2016 pesquisadora 2).

A P1, sempre dava espaço para as crianças brincarem e sempre que ela achava necessário fazia a mediação e dentro dos momentos de brincar ela buscava formas de introduzir um pouco do que foi explorado na sala, a exemplo de um mini mercado que as crianças amaram e brincando aprenderam matemática, e uma peça que ela montou com as crianças para explicar a abolição da escravidão, mesmo o CREI não dispondo de tantos recursos, ela utilizava materiais da sua rotina para confeccionar o que precisava (DIÁRIO DE CAMPO, 13/05/2016 pesquisadora 2).

Sobre esta professora P1, eu pesquisadora2, observei que os momentos lúdicos se fizeram presente em sua sala, e que sua aula seguia uma rotina dividida em momentos e que ela fazia uso dos recursos disponíveis e transformava a aula em um momento prazeroso sempre que o brincar aparecia.

Como afirma Wajskop (1995, p. 67):

A brincadeira é uma situação privilegiada de aprendizagem infantil. Ao brincar, o desenvolvimento infantil pode alcançar níveis mais complexos por causa das possibilidades de interação entre os pares numa situação imaginária e pela negociação de regras de convivência e de conteúdos temáticos.

Nas observações da sala de aula da P2, em nenhum momento as crianças tiveram liberdade para se expressar e brincar, criar, imaginar e se movimentar, a turma estava passando por uma mudança de professora e na maioria das minhas visitas as crianças apenas assistiam a DVD, de músicas infantis e mesmo assim tinham que ficar quietos estáticos sentados na frente da televisão, quando brincavam na área livre corriam sem nenhuma mediação e desordenados acabavam por se machucar (DIÁRIO DE CAMPO, 19/05/2016, Pesquisadora 2).

Ao analisar o comportamento das professoras, que mesmo se encontrando com dificuldades em relação a instabilidade da turma, observamos que quando as crianças estavam assistindo um DVD, que por sinal era bem animado e abordava partes do corpo como higiene pessoal, se as crianças estivessem livres para se movimentar e dançar umas com as outras ou até só, ali surgiria um momento proveitoso dentro de uma ação de brincar, cada uma iria usar sua imaginação e explorar aquelas músicas de uma maneira pessoal e compartilhar com os colegas, acabaria em uma manhã divertida e pedagogicamente positiva. Não é só com momentos planejados que a brincadeira acontece, ela pode e deve surgir em qualquer hora e o profissional tem que saber valorizar esse momento em todos os aspectos. Sendo assim essas atitudes contrariam o que a autora Wajskop (1995, p.68) defende quando fala:

A profissional atenta, poderá interferir na ampliação de possibilidades de usos dos materiais e dos espaços pelas crianças, assim como tornar fácil o acesso aos diferentes conhecimentos, mediante a utilização de livros, filmes, televisão, passeios e tudo aquilo que ela for capaz de criar.

Entre os motivos que podem levar o professor a participar dos momentos das brincadeiras, está a valorização do brincar pela simples presença que essa participação promove, pois para as crianças é sinal de que o professor está se importando com seu brincar, assim o professor também participaria da brincadeira, tornando aquele momento mais prazeroso para as crianças.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a literatura utilizada para a realização da pesquisa, foi possível observar que este tema vem sendo bastante discutido e pesquisado em todo o mundo, diante dessa premissa concordamos que o brincar é de suma importância para o aprendizado da criança, assumindo uma forma de aprendizagem natural, leve e eficaz.

No CREI onde realizamos nossas observações e pesquisa, vimos que a brincadeira acontece todos os dias, porém poucos são os momentos de mediação por parte das professoras. A brincadeira, na maioria das vezes, é livre no pátio e as crianças só correm, e apenas uma vez na semana vão para a brinquedoteca sentar e assistir DVD. Considerando que a brinquedoteca é um espaço com poucos brinquedos, a maioria quebrados e é utilizada para vários fins.

Apesar de entendermos que o brincar independe do espaço, dos brinquedos e de quem o pratica, ele será bastante proveitoso se bem aplicado na aprendizagem, pois é impossível separar a criança do brincar, ou seja, a mesma ao brincar constrói sua identidade com relação às outras crianças e consigo mesma.

É salutar destacar que durante a nossa pesquisa entendemos o quanto é importante que os profissionais da educação, especialmente os da educação infantil, tenham consciência que o brincar é direito da criança. Nos decepcionamos em como as professoras estão atuando, no ambiente que teoricamente foi pensado e planejado muito além de apenas cuidar, mas também de proporcionar momentos de prazer e satisfação para os pequenos, pois os professores precisam ser os primeiros profissionais a valorizar e a promover momentos de brincadeira no ambiente escolar.

Ainda destacamos que os educadores devem observar, mediar e participar das brincadeiras sempre que convidado e quando sentir a necessidade, pois a brincadeira além de fundamental para o desenvolvimento infantil, proporciona aprendizagem.

Conclui-se que as diretrizes apresentadas venha a alcançar os objetivos propostos, pois tivemos a oportunidade de ampliarmos nossos conhecimentos sobre a importância de brincar para as crianças.

7. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988, 305 p.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de junho de 1990.

_____. **Plano Nacional de Educação**. Lei nº 10.172/2001, de 09 de janeiro de 2001.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Política nacional de educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF/COEDI, 1994a.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998a.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2002.

KUHLMANN JR., Moisés. **Histórias da educação infantil brasileira**. [S.1] Revista Brasileira de Educação, 2000.

_____. Moisés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Metodologia de pesquisa**. pdf. Disponível em: http://www.cead.ufa.br/portal/wp-content/uploads/2015/03/Gm_
[Acesso em: 06 mar. 2016.](#)

OLIVEIRA, Zilma Ramos. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina G. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.33, p.78-95, mar.2009.

VYGOTSKY, Lev. A Formação Social da Mente 6° ed São Paulo, SP. Martins Fontes Editora LTDA, 1998.

WAJSKOP, Gisela. O Brincar na Educação Infantil. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, 1995.

APÊNDICES

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÕES PEDAGÓGICAS
PROFESSORA ORIENTADORA: ANA LUISA AMORIM
DISCENTES: ANA CELLI LIZ DO NASCIMENTO MAGALHÃES
VALÉRIA SOBRAL DE MELO

Instrumento de caracterização

1 – A caracterização da instituição

Recolher todos os dados referentes a instituição:

a) Nome do CREI: _____

b) Ano de criação: _____

c) Endereço: _____

d) Equipe Administrativa e Pedagógica:

NOME	CARGO

e) Quantidade de professoras e suas formações:

PROFESSOR	FORMAÇÃO

f) Quantidade de turmas:

TURMA	FAIXA ETARIA	QUANTIDADE

g) Espaço físico:

SALA DE AULA	
SALA DE VIDEO	
SALA DE RECURSOS	
BRINQUEDOTECA	
PÁTIO	
BANHEIRO FUNCIONARIO	
BANHEIRO CRIANÇAS	

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÕES PEDAGÓGICAS
PROFESSORA ORIENTADORA: ANA LUISA AMORIM
DISCENTES: ANA CELLI LIZ DO NASCIMENTO MAGALHÃES
VALÉRIA SOBRAL DE MELO

Questionário para professores(as)

I PERFIL

Nome: _____
Sexo: _____
Idade: _____
Formação: _____
Contrato ou concursado: _____
Tempo de docência: _____
Tempo de docência na Educação Infantil: _____

II QUESTÕES

1 – O que são recursos lúdicos? E como você os utiliza?

2 – Há rotina na sua turma? Como ela é planejada?

3 – Há espaço para a ludicidade na rotina de sua turma?

4- Como você analisa os recursos lúdicos disponibilizados no CREI? E o que poderia melhorar?

5 – Para você qual a importância do brincar na Educação Infantil?

6- Você acredita que na brincadeira a criança se desenvolve? Se sim, em quais momentos isso acontece?

7- Como é feita a sua mediação na hora em que as crianças estão brincando?

8 – Qual a contribuição que o brincar traz pedagogicamente para as crianças?

Obrigada pela sua colaboração!

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Professora _____

Esta pesquisa é sobre “A importância do brincar na Educação Infantil” que está sendo desenvolvida por Ana Celli Liz do Nascimento Magalhães e Valéria Sobral de Melo, alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Professora Dr^a Ana Luisa Nogueira de Amorim.

O objetivo do estudo é “Analisar as concepções das professoras da Educação Infantil sobre o brincar e como estão desenvolvendo suas práticas de trabalho nos momentos de brincadeira”.

Solicitamos a sua colaboração para a realização da pesquisa respondendo a este questionário, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos e publicações da área de educação. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos previsíveis para a saúde dos envolvidos no estudo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelas Pesquisadoras. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. As pesquisadoras estarão à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para a publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Nome completo do(a) participante: _____

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

RG: _____

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para as pesquisadoras responsáveis: